

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Roberto Gavaldón, O Outro Mexicano
13 e 26 de Setembro de 2025

EL REBOZO DE SOLEDAD / 1952

um filme de ROBERTO GAVALDÓN

Realização: Roberto Gavaldón / Argumento: Roberto Gavaldón a partir de uma novela de Javier López Ferrer / Fotografia: Gabriel Figueroa / Música: Francisco Domínguez, Evaristo Tafoya / Décors: Salvador Lozano Mena / Guarda-Roupa: Armando Valdez Peza / Montagem: / Som: José B. Carles, Galdino Samperio / Interpretação: Arturo de Córdova (Doutor Alberto Robles), Pedro Armendáriz (Roque Suazo), Stella Inda (Soledad Anaya), Carlos López Moctezuma (David Acosta), Jaime Fernández (Mauro) Domingo Soler (Padre Juan), Rosaura Revueltas (mãe da criança).

Produção: Cinematográfica Televoz (México) / Produção: Eduardo Fernández O'Horán, Miguel Alemán Velasco / Cópia: em DCP, preto e branco, 108 minutos, versão original com legendas electrónicas em português / Estreia mundial: 13 de Novembro de 1952, México / Inédito comercialmente em Portugal: 17 de Junho de 1955, Cinema Condes / Primeira exibição na Cinemateca.

“No âmbito do cinema de autor, o sombrio Roberto Gavaldón colaborou com os directores de fotografia Alex Phillips e Gabriel Figueroa e com o escritor de esquerda José Revueltas, alcançando sucesso de crítica e popularidade com filmes como **La Otra** (1946), **La Diosa Arrodilada** (1947), **Deseada** (1959), **Rosaura Castro** (1950), **La Noche Avanza** (1951) e **El Rebozo de Soledad** (1952). Gavaldón é conhecido como um cineasta de qualidade, e com **Deseada**, **Rosaura Castro** e **El Rebozo de Soledad** foi capaz de elevar o nível da estética nacional. Na altura foi considerado o sucessor de Emilio Fernández.” Paulo Antonio Paranaguá na sua monografia *Mexican Cinema* dedica algumas linhas a **El Rebozo de Soledad**, um dos filmes mais conhecidos de Gavaldón e em que este se revela como um cineasta de primeira linha no universo do cinema mexicano.

Em **El Rebozo de Soledad** sobressai em primeira instância uma dualidade comum no cinema de Gavaldón enquanto um todo, e em grande parte do cinema mexicano deste período, o contraste entre um cinema passado num ambiente rural e um cinema centrado na vida das cidades. O mesmo Paulo Antonio Paranaguá citará **El Rebozo de Soledad** como um exemplo de como “a cidade pode ser dirigida por um cacique político”, referindo como outro exemplo **Rio Escondido** (1947) de Emilio Fernández. Em **El Rebozo de Soledad**, um filme que começa e termina na cidade, para se desenvolver maioritariamente num ambiente rural, a divisão é claríssima. Tudo se passa num imenso *flash-back* narrado pela voz de Domingo Soler, que mais uma vez desempenha o papel de um padre, o Padre Juan, que gere os destinos de uma povoação no interior. Em **Rayando ao Sol** era o Padre Sebastián.

Arturo de Córdova é um médico que regressa da cidade à sua terra natal para cumprir a sua missão. Os seus primeiros passos são filmados nas ruas da cidade, como num filme noir americano, mas em pano de fundo vemos os prédios da maior avenida de Buenos Aires. A primeira sequência é impressiva, tanto em termos visuais (mais uma vez a magnífica fotografia de Gabriel Figueroa, companheiro de Gavaldón desde os seus primeiros anos como cineasta), como em termos narrativos, face ao balanço a que assistimos de alguém que chega ao meio da sua vida e avalia onde está. Talvez por algo como este começo Paranaguá fale do “sombrio” Gavaldón. O final o comprovará com a cena final de Robles na cidade, na qual rejeita o esquema que lhe propõem.

Não é um filme com final feliz, como percebemos desde o início, e aqui o mártir não é uma apenas mulher, como acontece em muitos dos filmes de Gavaldón (embora também exista uma, Soledad), mas também um homem. Ao Dr. Robles cabe uma missão idêntica à do Padre Juán: salvar os corpos, enquanto o primeiro salva as almas. O ambiente é o de uma pobreza extrema, numa povoaçāo em que reina a lei do mais forte, aproximando-se a atmosfera de um western, onde há sempre alguém pronto a sacar uma arma. Film noir, melodrama, western, musical, **El Rebozo de Soledad** é isso tudo, mas também o retrato de uma sociedade de contrastes, na qual as clivagens se fazem sentir tanto no campo, como na cidade. Como se escrevia, aqui não há maniqueísmos nem contemplações, trata-se de um filme duro, como é dura a vida das personagens que retrata.

Se as comodidades de uma vida prometida em Buenos Aires, com as suas clínicas de luxo e clientela endinheirada contrastam com a casa literalmente em ruínas de Alberto Robles, o mesmo acontecerá com as personagens que se dividem entre o campo e a cidade. Estamos perante dois mundos diametralmente opostos que contudo se cruzam, como se cruzam os tantos géneros que confluem em **El Rebozo de Soledad**. Prova do talento de Gavaldón e de todos aqueles que o acompanharam ao longo de tantos anos em produções menos, ou mais ambiciosas, como este **El Rebozo de Soledad**.

Joana Ascensão